

## **A RELEVÂNCIA DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL SOB A PERSPECTIVA ORIENTADA AO ATOR**

**TAÍNE ALEXANDRA RAMIRES CAMARGO; MÁRIO CONILL GOMES**

*Universidade Federal de Pelotas – tainecamargo@yahoo.com.br*

*Universidade Federal de Pelotas – mconill@gmail.com*

### **1. INTRODUÇÃO**

O papel da Educação Ambiental (EA) é transmitir o verdadeiro valor da preservação do ecossistema, construindo um meio que proporcione qualidade de vida não só hoje, mas também às futuras gerações. E mais do que fornecer subsídios, a EA pretende uma educação transformadora capaz de fornecer ferramentas para a mudança do quadro ambiental no qual se encontra.

Perante o contexto social, como subsídio ao estudo, no intuito de demonstrar como o desafio da EA não tem como ser enfrentado a partir de uma perspectiva teórica que desconsidera as dimensões culturais e éticas de uma sociedade, a abordagem orientada ao ator permite uma análise a partir dos atores ambientais provedores de mudanças ambientais.

Contrapondo às análises estruturais sobre o desenvolvimento normalmente mencionados, Norman Long (2007) adota uma perspectiva orientada ao ator, ou seja, este passa a ser a unidade de análise dentro de um contexto social onde executa diversos papéis sociais. A proposta apresenta uma abordagem sob o ângulo construtivista, considerando a heterogeneidade social e suas relações dentro do contexto coletivo, na busca em explicar respostas diferenciadas a acontecimentos estruturais similares. Os atores, neste estudo, são considerados os atores ambientais como: educadores, pesquisadores, órgão governamentais e intergovernamentais. Os atores se encontram e se inter-relacionam através das agências nas quais defendem seus projetos no campo de batalha em que expressam discursivamente seus interesses, local este chamado de arena. (LONG, PLOEG, 1994).

Diante do exposto, torna-se o objetivo geral da pesquisa analisar a relevância do tema Educação Ambiental sob a perspectiva orientada ao ator, onde os agentes ambientais sejam atores sociais capazes de mudar o contexto social.

### **2. METODOLOGIA**

Para a realização deste trabalho desenvolveu-se pesquisa de cunho bibliográfico e documental, a qual visa investigar e analisar a importância da educação ambiental, utilizando como aporte para o estudo uma abordagem orientada ao ator, de Norman Long. O referencial teórico utilizado para a pesquisa está intimamente ligado ao estudo da literatura já existente, conforme GIL (2008) “Os livros constituem as fontes bibliográficas por excelência”. Além disso, outra fonte fundamental para o pesquisador em EA está nos artigos científicos, que são considerados fontes seguras de pesquisa (BEHLING, CARLAN, GIL, KUSS, 2015) e por fim a análise de documentos oficiais.

### **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**



Os relatórios mais recentes apontam que estamos seguindo padrões de produção e de consumo insustentáveis por estarem além da capacidade de reposição da biosfera terrestre, ou seja, consumindo mais do que ela repõe (ONU, 2017). A sustentabilidade tem uma proposta fundamental, que é a idéia de preocupação ética com as futuras gerações. Neste contexto o papel da EA está em integrar o meio ambiente com a educação, através da consciência ecologicamente correta da preservação do meio.

A EA ao problematizar o modelo de desenvolvimento, considera não apenas a degradação ambiental, mas também o indivíduo que é causador e ao mesmo tempo vítima dos seus efeitos. Os atores são todos aqueles indivíduos que de alguma forma colaboram para a idealização da EA, como educadores, pesquisadores, além de órgãos governamentais e intergovernamentais.

Um enfoque orientado ao ator permite uma análise detalhada dos mundos de vida, lutas e trocas dentro e entre os grupos sociais específicos e redes de indivíduos (LONG, 2007). Portanto, o desenvolvimento de um enfoque construcionista social orientado ao ator, para o presente estudo, dá a possibilidade de visibilidade em demonstrar que a partir dos atores poderá haver maior possibilidade de mudança ambiental, uma vez que a EA é uma grande instrumento promovedor da transformação.

A EA pela sua característica interdisciplinar e integradora e seu amplo campo de atuação, permite a variabilidade de atores sociais inseridos na caminhada para o equilíbrio ambiental, proporcionando o ator professor, o ator pesquisador e o ator governo, por exemplo, todos eles promovedores de um meio ambientalmente correto, como parte de um conjunto complexo de práticas sociais.

A agência permite a interação entre os atores, eles tentam resolver problemas, intervir em eventos sociais ao redor deles e de certa maneira estarem cientes das próprias ações (LONG, 2007). Dessa forma, a agência permite a interação, conscientização e troca, no que se refere à EA, entre os atores ambientais.

A EA começou a entrar na academia na década de 80, autores que falavam sobre educação ambiental eram biólogos que seguiam ou a linha conservacionista, em que havia uma relação afetiva com a natureza pela qual ela precisava ser abraçada e cuidada; ou a linha pragmática sustentada na racionalização, de que ela era agressiva e “daria de volta ao homem” devido aos danos que ele causou.

A partir destas duas linhas, muitas críticas começaram a surgir pelas suas limitações, quando é então instituída a educação ambiental transformadora, crítica, ou emancipatória, ela é contra hegemônica, pois tende a transformar integralmente o ser e as condições objetivas da existência de conteúdo emancipatório e crítico. Essa educação ambiental transformadora, mais do que transformar as ações frente ao ambiente natural, ela transforma o modo de ser do indivíduo no mundo (LOUREIRO, 2010).

Todas as classificações de educações ambientais vigentes são importantes. No entanto, a abordagem crítica é a mais seguida atualmente no campo da EA, pois acredita na importância de uma educação emancipatória, para que o sujeito perceba o mundo antes de racionalizá-lo, permitindo a sua compreensão ao invés de apenas explicar ou descrever, para assim se transformar em um cidadão atuante (BEHLING, CARLAN, KUSS, GIL, 2015).

Dentro da arena de EA, os atores, sejam eles conservacionistas, pragmáticos ou críticos, defendem suas crenças e linhas de pensamento através de seus projetos, buscando “vender” o melhor caminho a seguir diante às questões ambientais. No entanto, todos eles dentro da arena disputam por um



objetivo em comum, o de demonstrar o valor da preservação ambiental, construindo um meio que proporcione qualidade de vida para a presente e futuras gerações.

Ainda que a EA tenha se mostrado relevante, existe muita resistência na academia em volta da Ciência em Educação Ambiental, muitos ainda acreditam que EA não é precisamente um campo de pesquisa. Ela surgiu como campo ambiental, inicialmente com características conservacionistas, com o desejo de resolver as questões ambientais como mero efeito instrumental. No decorrer do tempo o campo ambiental foi se descobrindo e novas formas de pensar e agir surgiram, conferindo riqueza ao processo de autodescoberta da EA (BEHLING, CARLAN, KUSS, GIL, 2015).

De fato a EA ainda não é considerada um campo integralmente constituído, porém também não está inserida no campo ambiental ou no campo educativo, ela é a convergência de ambos os campos e por isso seu caráter multifacetário, ela perpassa todas as áreas do conhecimento. O campo científico também traz grandes contribuições para a EA à medida que pesquisas nessa área aumentam, fortalecendo, ampliando e consolidando o debate.

Apesar da EA não possuir um campo específico, não se pode negar que ela possui seu próprio espaço empírico, portanto pode ser considerada como arena, representa um espaço simbólico, no qual lutas dos agentes determinam, validam e legitimam representações. Deve-se levar em conta os pressupostos éticos, as motivações e os diversos interesses no projeto, pois a EA é um campo conflitivo e de interesses.

A EA não possui uma ingênua função de atribuir mais uma forma de educação, mas sim um instrumento que demarca um campo de valores e práticas, mobilizando atores sociais comprometidos.

A prática ambiental, devido à convivência social, traz a resposta a partir do próprio indivíduo, portanto fortalece o educador ambiental. Apenas lendo e escrevendo não há possibilidade de contribuir para uma melhor qualidade de vida, uma vez que não há a prática daquilo que é lido e escrito. Outro ponto é que de nada adianta apenas dizer que cada um faz a sua parte, é preciso união e coletivamente buscar a qualidade de vida de forma participativa, pois todos têm poder de decisão para melhorar a qualidade de vida e o futuro do ecossistema.

#### 4. CONCLUSÕES

A abordagem centrada nos atores permite inferências para a prática no desenvolvimento ambiental no seu sentido mais mobilizador que os atores ambientais têm a desempenhar, preocupando-se com a análise social.

O papel da educação ambiental é reciclar ideias e atitudes, transformar o conhecimento em ação, transmitindo o valor da preservação, tornando o cidadão comprometido com a natureza e se responsabilizando como indivíduo que é capaz de interagir e agir no contexto social, tornando-se parte importante e idealizadora de práticas sustentáveis.

Por fim, é válido ter claro que o ator ambiental deve ser um membro envolvido e comprometido, com a consciência de que está nos pequenos detalhes o futuro de uma nação. É respeitar integralmente o ambiente que todos compartilham, é não medir esforços para conscientizar o mundo de que cada gesto tem consequências. É preciso ser responsável com os recursos da natureza, antes que seja tarde demais para isso.



## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, M. **Educação Ambiental e EJA: Percepção dos alunos sobre o ambiente.** 2013. Acessado em 23 de ago. 2017. Online. Disponível em: <http://www.revistaea.org/artigo.php?idartigo=1402>

BEHLING, G. M.; CARLAN, F. A.; GIL, R. L.; KUSS, A. V. **Possibilidades metodológicas para a pesquisa em educação ambiental.** Pelotas, RS: Editora Santa Cruz, 2015.

CAMPOS, M. M. **EA e paradigmas de interpretação da realidade: tendências reveladas.** Tese de Doutorado. Campinas, SP: Unicamp, 2000.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LONG, N. and PLOEG J.D. van der. **Heterogeneity, actor and structure: towards a reconstitution of the concept of structure.** In: BOOTH, D. (ed) Rethinking Social Development: theory, research and practice. England, Longman, 1994, p. 62-90.

LONG, Norman. **Sociologia del desarrollo: uma perspectiva centrada en el actor.** México: Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social: El Colégio de San Luis, 2007.

LOUREIRO, B.; GUIMARÃES, M. (org.). **Caminhos da Educação ambiental: da forma a ação.** 4. ed. Campinas, SP: Papirus, 2010.

ONU. **A ONU e o Meio Ambiente.** Nações Unidas, 2017. Acessado em 24 de ago. 2017. Online. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/acao/meio-ambiente/>

RUSCHEINSKY, A. **Atores Sociais e Meio Ambiente: A Mediação da Ecopedagogia.** In: Identidades da Educação Ambiental Brasileira. Ministério do Meio Ambiente: Brasília, 2004.

SILVA, D. G. **A importância da educação ambiental para a sustentabilidade.** 2012. Acessado em 22 de ago. 2017. Online. Disponível em: <http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/wp-content/uploads/2013/10/Danise-Guimaraes-da-Silva.pdf>